

A PSICOLOGIA POLÍTICA DA CLASSE MÉDIA UNIVERSITÁRIA PAULISTANA

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Gabriel Silva de Oliveira
Apoio:*PIVIC Mackenzie*

Felipe Corrêa Pedro

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

`gabrielsilva.oliveira@mackenzista.com.br`
`felipe.pedro@mackenzie.br`

RESUMO

Este trabalho busca compreender, sob uma perspectiva psicopolítica, como se configuram as representações, valores e práticas de estudantes universitários que se identificam como pertencentes à classe média na cidade de São Paulo. A investigação fundamenta-se na teoria crítica do sociólogo Jessé Souza, especialmente em suas obras *A Elite do Atraso* (2017) e *A Classe Média no Espelho* (2018), a partir das quais se construiu um tipo ideal de classe média. Utilizou-se um questionário com 29 perguntas abertas e 2 fechadas, aplicadas a 155 estudantes não identificados da Universidade Presbiteriana Mackenzie — instituição que, por seu número expressivo de alunos e perfil elitizado, foi considerada representativa da classe média universitária paulistana. As respostas foram analisadas qualitativamente e classificadas em quatro categorias: Igual ao tipo ideal; Próximo ao tipo ideal; Distante do tipo ideal; e Sem Classificação. A análise foi dividida em cinco eixos temáticos: identidade de classe; trabalho e profissões; educação básica; educação política; e estilo de vida. Os resultados apontam que, embora haja uma forte reprodução de traços simbólicos e culturais da classe média conforme descrita por Jessé Souza, também emergem contradições, tensões e fragmentações no modo como os estudantes pensam sua posição social. Conclui-se que o tipo ideal se mostra amplamente aplicável, mas não totalizante, indicando a necessidade de novos estudos mais amplos e contínuos sobre a classe média brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Psicologia política; Classe média; Jessé Souza; Universitários paulistanos; Análise qualitativa; Tipo ideal

ABSTRACT

This research aims to understand, from a psychopolitical perspective, how the representations, values, and practices of university students who identify as middle class in the city of São Paulo are configured. The investigation is grounded in the critical theory of sociologist Jessé Souza, particularly his works *A Elite do Atraso* (2017) and *A Classe Média no Espelho* (2018), from which an ideal type of middle class was constructed. A questionnaire consisting of 29 open-ended and 2 closed questions was applied to 155 unidentified students from Universidade Presbiteriana Mackenzie — an institution considered representative of São Paulo's middle-class university students due to its significant number of students and elitist profile. Responses were qualitatively analyzed and classified into four categories: Identical to the ideal type; Close to the ideal type; Distant from the ideal type; and Unclassified. The analysis was structured across five thematic axes: class identity; work and professions; basic education; political education; and lifestyle. Results indicate that, although there is strong reproduction of symbolic

and cultural traits of the middle class as described by Jessé Souza, contradictions, tensions, and fragmentations also emerge in how students perceive their social position. It is concluded that the ideal type is largely applicable but not all-encompassing, highlighting the need for broader and ongoing studies on the contemporary Brazilian middle class.

Keywords: Psychopolitics; Middle class; Jessé Souza; University students in São Paulo; Qualitative analysis; Ideal type

1. INTRODUÇÃO

A formação social brasileira é marcada por desigualdades históricas consolidadas desde o período colonial, baseadas na exploração do trabalho e na exclusão da maioria da população dos espaços de poder e prestígio. Nesse cenário, há um agrupamento de indivíduos que usualmente permanece fora de vista de holofotes, mas que ocupa uma posição ambígua e estratégica na reprodução dessas desigualdades: a classe média. Embora não detenha os meios de produção e nem apresente um acúmulo de riqueza exacerbado, ela exerce um papel decisivo na legitimação simbólica e cultural da ordem social vigente.

Por um lado, distancia-se das classes baixas – também chamadas de classes trabalhadoras – e da população mais pobre, evitando atrelar sua imagem àquilo que é socialmente considerado desvalorizado, reproduzindo discursos de meritocracia e responsabilização individual; por outro lado, adota os valores, hábitos e interesses das elites econômicas, funcionando como seu capataz ideológico e administrativo. Essa posição intermediária, muitas vezes invisibilizada, torna a classe média um dos principais alicerces na manutenção das hierarquias sociais no Brasil.

Compreender as dinâmicas dessa classe torna-se essencial, sobretudo diante de sua capacidade de transmitir privilégios e comportamentos por gerações. Este estudo, inspirado na teoria do sociólogo Jessé Souza, busca analisar o comportamento psicopolítico da classe média universitária paulistana à luz do tipo ideal construído por ele em obras como *A Elite do Atraso* e *A Classe Média no Espelho*. O objetivo geral é investigar, a partir de uma abordagem psicopolítica, até que ponto os discursos e práticas dessa população confirmam ou contestam o modelo de classe média proposto pelo autor.

A relevância da pesquisa reside na possibilidade de iluminar aspectos subjetivos da reprodução das desigualdades no Brasil, contribuindo com o campo da Psicologia Política ao explorar como a classe média universitária se percebe e justifica sua posição social. As próximas seções apresentarão o referencial teórico, a metodologia adotada, os resultados e, por fim, a discussão e conclusão do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa pretende se embasar fundamentalmente no conceito de classes sociais elaborado pelo sociólogo Jessé Souza, em suas obras *A Elite do Atraso: da escravidão à Lava Jato* (SOUZA, 2017) e *A Classe Média no Espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua*

realidade (SOUZA, 2018). O referencial teórico de Jessé para a elaboração de sua teoria das classes sociais é o sociólogo francês Pierre Bourdieu, que trabalha com o conceito de classes a partir da propriedade de três tipos de capital: o capital social – conjunto de relações sociais que combinam interesse e afeto; o capital cultural – conhecimento valorizado pelo sistema capitalista e Estado; e o capital econômico – posse de bens, propriedades e dinheiro (SOUZA, 2017, p. 90-91).

A classe média, foco de pesquisa deste artigo, é tida como a classe do privilégio cultural segundo o sociólogo, representando o equilíbrio entre um capital econômico não exacerbado – ao ponto de equiparar as classes altas, mas o suficiente para comprar o tempo das classes mais baixas – e cultural – valorizado e utilizado para manutenção e reprodução do mercado e o Estado (SOUZA, 2017, p. 146-148).

Para comparar o público entrevistado com um modelo teórico, o estudo adota o conceito de *tipo ideal*, de Max Weber, como metodologia. Esse conceito consiste na construção exagerada e intencionalmente unilateral de características de um fenômeno social, com o objetivo de servir como base comparativa para estudo. (FREUND, 2003, p. 47-55; SCHÜTZ; DA SILVA, 2018, p. 142) No caso, utiliza-se o tipo ideal de classe média elaborado por Jessé Souza, que a concebe como uma classe intermediária, crucial na reprodução do sistema de dominação social, político e econômico no Brasil.

Na visão de Jessé Souza, a classe média, em termos típicos ideais, é concebida como uma classe social intermediária, essencial para a reprodução de um sistema de dominação social, político e econômico existente. Ela é a representante do capital cultural, utilizado para o funcionamento do mercado e do Estado. A classe média desempenha um papel fundamental na legitimação e na perpetuação das desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que naturaliza os privilégios que lhe garantem status e posição, também representando os interesses das classes elitistas (SOUZA, 2017, p. 146-149).

Essa classe, segundo Souza (2017, p. 99 e 134), equilibra um capital econômico suficiente para diferenciá-la das classes populares – mas não a ponto de igualá-la à elite – e um capital cultural valorizado, internalizado desde a infância por meio de uma socialização familiar estável e provedora de inspirações e estímulos para suas crianças. Essa socialização garante vantagens escolares e profissionais que posicionam seus membros em funções estratégicas no mercado e no Estado, atuando como gestores e legitimadores do sistema capitalista. Ao contrário das classes populares, cujos filhos precisam dividir o tempo entre estudo e trabalho,

os filhos da classe média têm o tempo livre comprado pelos pais para se dedicar exclusivamente à formação escolar, consolidando o privilégio herdado (SOUZA, 2017, p. 88-89, 96-98).

A meritocracia surge, nesse contexto, como ideologia central da classe média, operando como justificativa moral para sua posição social. A crença no mérito, aprendida desde a infância e reforçada socialmente, mascara os privilégios estruturais e se transforma em uma ferramenta simbólica de distinção. Assim, a classe média se diferencia tanto das classes populares — vistas como "fracassadas por falta de esforço" — quanto da elite — admirada e, ao mesmo tempo, invejada por seu status inalcançável (SOUZA, 2017, p. 99, 133-134, 148-149).

Essa posição ambígua se reflete em práticas cotidianas de julgamento, exclusão e terceirização do trabalho manual às classes baixas, além da adoção de padrões de consumo e estética associados à elite (SOUZA, 2017, p. 96-98, 102-104). Simultaneamente, a classe média ocupa a função de "capataz" da elite econômica, sendo peça-chave na manutenção do sistema de desigualdades. Profissões valorizadas — administradores, médicos, economistas, advogados, contadores, juízes, pesquisadores etc. —, tanto no setor público quanto no privado, estão majoritariamente sob seu domínio, funcionando como mediação entre os interesses da elite e a estrutura estatal (SOUZA, 2017, p. 146-148).

Em última análise, a classe média é uma classe de privilégio estruturado, que opera como peça-chave no funcionamento do capitalismo. Ela legitima e reproduz desigualdades por meio de suas práticas culturais e sociais, enquanto sustenta um imaginário de autonomia e merecimento que encobre as bases reais de sua posição. Nesse sentido, o tipo ideal de classe média, com base em Jessé Souza, nos permite compreender as contradições, simbolismos, comportamentos e representações que fazem dessa classe um pilar central da estrutura social brasileira, mas que não recebe tanto foco de análise e crítica por parte da sociedade, se comparada às classes abaixo e acima da mesma.

3. METODOLOGIA

Aprofundando agora nos procedimentos metodológicos, a natureza dessa pesquisa é quanti-qualitativa e o processo da pesquisa seguiu uma sequência estruturada em quatro etapas principais. Inicialmente, foi necessário definir o que se entende por "classe média" segundo a perspectiva teórica de Jessé Souza. Para isso, utilizou-se o conceito de *tipo ideal*, conforme proposto por Max Weber, como instrumento metodológico para a construção de um modelo analítico. O tipo ideal da classe média foi, então, reconstruído com base nas obras *A Elite do*

Atraso e A Classe Média no Espelho, de modo a sintetizar os traços estruturais, simbólicos e afetivos dessa classe social, segundo o autor.

Com o tipo ideal estruturado, delinearam-se cinco grandes eixos temáticos de investigação: (1) identidade e percepção de classes sociais; (2) trabalho e profissões; (3) educação básica e desenvolvimento pessoal; (4) educação política e social; e (5) estilo de vida e hábitos pessoais. A partir desses temas, foi elaborado um questionário via Google Forms, composto por 29 perguntas dissertativas e 2 objetivas, com foco na captação das representações, valores e comportamentos dos participantes. A proposta inicial do projeto era distribuir esse formulário, de forma anônima, entre estudantes de diferentes universidades localizadas na cidade de São Paulo, como PUC-SP, UPM, FGV, ESPM, FAAP, INSPER e/ou USP, não sendo obrigatório conter estudantes provenientes de todas, a fim de captar uma diversidade maior de experiências dentro da classe média paulistana. No entanto, ao longo da coleta, observou-se uma adesão significativamente maior de estudantes da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), tornando desproporcional o número de respostas entre instituições. Diante disso, optou-se por restringir a amostra exclusivamente aos estudantes do Mackenzie, mantendo a coleta anônima, assegurando homogeneidade no perfil universitário e evitando distorções estatísticas.

Embora o recorte tenha se concentrado em apenas uma instituição, o Mackenzie pode ser considerado um retrato representativo da classe média universitária paulistana. Segundo o Ranking Universitário Folha (RUF), o Mackenzie apresentou, em 2024, o maior número de estudantes matriculados na graduação entre as universidades privadas de perfil elitizado, com 27.857 alunos. Em comparação, o total de estudantes nas demais instituições privadas inicialmente previstas no projeto – como PUC-SP (10.603), FAAP (2.901), INSPER (3.231), ESPM (4.554) e FGV-SP (3.699, somando suas diferentes escolas) — soma 24.988 alunos (FOLHA DE S.PAULO, 2024).

Ou seja, o Mackenzie sozinho supera, em número absoluto, o total de alunos dessas universidades somadas. Isso reforça a validade da amostra utilizada, já que a instituição concentra, proporcionalmente, o maior contingente de estudantes de classe média entre as universidades elitizadas da cidade de São Paulo. Além disso, seu perfil híbrido – unindo prestígio histórico, mensalidades elevadas e forte apelo à classe média aspiracional (principalmente advinda do Colégio Mackenzie, instituição de ensino básico localizada no mesmo espaço que o campus universitário, no bairro de Higienópolis, em São Paulo) – torna o Mackenzie um espaço rico para observar a reprodução simbólica, cultural e política da classe média universitária paulistana.

Encerrado o processo de coleta, que se estendeu por três meses, com 155 questionários válidos, passou-se à etapa de análise. Para isso, foi desenvolvida uma régua classificatória com quatro categorias: Igual ao tipo ideal; Próximo ao tipo ideal; Distante do tipo ideal e Sem Classificação. A primeira categoria abrange respostas que reproduzem de forma direta ou implícita os traços centrais do tipo ideal; a segunda, inclui respostas com adesão parcial que dialogam com a teoria, mas sem total alinhamento; a terceira, contempla respostas substancialmente afastadas ou opostas ao modelo proposto; e a última foi aplicada a respostas vagas, incompletas ou que fugiam ao tema. Cada resposta foi analisada manualmente, e os dados foram sistematizados em gráficos e quadros para facilitar tanto a análise qualitativa quanto o levantamento estatístico das tendências discursivas.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. Análise do tema 1 - Identidade e percepção de classes sociais

O primeiro bloco do formulário buscou investigar como os participantes compreendem a estrutura social brasileira. As perguntas abordaram definições de classe social, percepções sobre as classes abaixo e acima da classe média, influências da mídia e das experiências pessoais na visão sobre outros grupos, além das interações entre classes e o reconhecimento de como a própria condição de vida afeta suas relações. Abaixo consta um gráfico contendo as perguntas e contagem de respostas das classificações desse bloco:

Tabela 1 - Contagem geral de classificações das respostas do tema 1 - Identidade e percepção de classes sociais

Perguntas do tema <i>Identidade e percepção de classes sociais</i>	Distante do tipo ideal		Próximo ao tipo ideal		Igual ao tipo ideal		Sem Classificação	
1 - Para você, o que é classe social e como você definiria cada classe?	133	85,81%	14	9,03%	3	1,94%	5	3,23%
2 - Como você enxerga as classes sociais abaixo da classe média	140	90,32%	9	5,81%	1	0,65%	5	3,23%
3 - Como você enxerga a classe alta brasileira? Por que e como as pessoas pertencentes à essa classe chegaram aonde estão?	135	87,10%	13	8,39%	6	3,87%	1	0,65%
4 - De que forma você acha que as suas experiências e o que você vê na mídia moldam sua visão sobre diferentes grupos sociais?	20	12,90%	19	12,26%	101	65,16%	15	9,68%
5 - Como você vê as relações e interações entre as pessoas das classes mais altas com as mais baixas? Você acha que há alguma influência histórica nessas interações?	19	12,26%	28	18,06%	86	55,48%	22	14,19%
6 - Você já percebeu momentos em que sua condição de vida influenciou a forma como você se sentiu em relação aos outros?	27	17,42%	0	0,00%	125	80,65%	3	1,94%
Contagem e média total	474	50,97%	83	8,92%	322	34,62%	51	5,48%

Fonte: elaborado pelo próprio autor

As respostas classificadas como “Igual ao tipo ideal” concentraram-se principalmente nas três últimas perguntas do bloco (65,16%, 55,48% e 80,65%, respectivamente), com

destaque para aquelas que abordavam vivências subjetivas. Participantes alinhados ao autor demonstraram perceber como suas experiências pessoais e o conteúdo consumido na mídia moldam sua visão de mundo, reconheceram a existência de dinâmicas de dominação simbólica e histórica nas relações entre as classes e afirmaram que sua condição de vida influencia diretamente a forma como se sentem em relação aos outros. Essas respostas refletem a noção central de Jessé Souza de que a classe média internaliza hierarquias e desigualdades desde a infância, naturalizando distinções sociais. Alguns exemplos ilustrativos dessas respostas são: “Acredito que cada um tem uma visão sobre o mundo e enxergam as coisas de acordo com a bolha que estão encaixadas, com uma forte influencia (sic) da mídia e do grupo social que pertence, fatores que moldam valores e atitudes como um todo”. (Formulário 7 / Pergunta 4) E também: “Acredito que as relações entre classes mais altas e mais baixas seja muito hierárquica, muito pela tradição história brasileira desde a colonização de colocar um inimigo em comum, marginalizando os negros e indígenas por exemplo.” (Formulário 5 / Pergunta 5)

As respostas “Próximo ao tipo ideal” mantiveram uma presença discreta ao longo do tema, com percentuais que variaram entre 0% e 18,06%. Ainda que menos frequentes, elas indicam algum nível de sensibilidade aos aspectos estruturais da desigualdade, como na quarta e quinta perguntas, em que os participantes reconheceram certa influência da mídia ou das relações sociais na formação de visões de mundo, porém sem profundidade e articulação teórica com os conceitos centrais de Jessé. Trata-se, portanto, de um reconhecimento fragmentado das dinâmicas de dominação estrutural, conforme exemplificado a seguir: “Me ajudam a ter perspectiva e consciência do meu lugar na sociedade”. (Formulário 152 / Pergunta 4) E também: “Há influência histórica e muito preconceito”. (Formulário 126 / Pergunta 5)

Já as respostas “Distante do tipo ideal” dominaram nas três primeiras perguntas (85,81%, 90,32% e 87,10%, respectivamente), revelando uma compreensão reducionista da estrutura de classes. A maioria associou classe social exclusivamente à renda, ignorando os aspectos simbólicos e históricos destacados por Souza. Também foram frequentes respostas que viam a classe alta sem admiração, ressentimento ou julgamento; e percepções neutras ou idealizadas das classes populares, esvaziadas de crítica social. “Eu entendo por classe social, o grupo em que pertence cada indivíduo, baseado nas suas condições financeiras.” (Formulário 104 / Pergunta 1). E também: “Pessoas multimilionárias. Chegaram por sucesso na área do empreendedorismo, ou por privilégios de herança.” (Formulário 58 / Pergunta 3)

De modo geral, este primeiro bloco revelou uma distribuição marcadamente polarizada entre as perguntas iniciais e finais. Enquanto as três primeiras concentraram respostas

majoritariamente “Distante do tipo ideal”, as três últimas apresentaram ampla adesão à categoria “Igual ao tipo ideal”, sugerindo que os participantes expressam maior criticidade quando provocados a refletir sobre experiências pessoais e relações sociais, mas mantêm concepções reducionistas sobre a estrutura de classes em nível mais simplório. A classificação “Próximo ao tipo ideal”, por sua vez, ocupou uma posição secundária, com grande diferença em relação à primeira colocada em quase todas as perguntas, refletindo um campo de consciência crítica ainda em processo de elaboração.

4.2. Análise do tema 2 – Trabalho e profissões

Esse segundo bloco buscou entender como os participantes associam profissões à classe média, a si mesmos e a seus responsáveis. Foram abordadas profissões comuns na classe média, aquelas com as quais os participantes se identificam e as ocupações de seus pais ou responsáveis durante sua infância. Abaixo consta um gráfico contendo as perguntas e contagem de respostas das classificações desse bloco:

Tabela 2 – Contagem geral de classificações das respostas do tema 2 – Trabalho e profissões

Perguntas do tema <i>Trabalho e profissões</i>	Distante do tipo ideal		Próximo ao tipo ideal		Igual ao tipo ideal		Sem Classificação	
1 - Quais profissões você considera mais comuns dentre pessoas da classe média?	21	13,55%	31	20,00%	77	49,68%	26	16,77%
2 - Com quais profissões você se identifica e/ou trabalharia?	2	1,29%	5	3,23%	148	95,48%	0	0,00%
3 - Quais são as profissões de seus pais (ou responsáveis quando você era menor de idade)?	17	10,97%	85	54,84%	44	28,39%	9	5,81%
Contagem e média total	40	8,60%	121	26,02%	269	57,85%	35	7,53%

Fonte: elaborado pelo próprio autor

As respostas classificadas como “Igual ao tipo ideal” se destacaram com grande expressividade, sobretudo nas duas primeiras perguntas do bloco (49,68% e 95,48%, respectivamente), evidenciando uma forte adesão à ideia de que a classe média está associada a profissões de caráter predominantemente intelectual. De acordo com Jessé Souza, trata-se da classe que monopoliza o capital cultural valorizado tanto pelo mercado quanto pelo Estado, o que se evidencia na predominância de profissões úteis a esses setores, como advocacia, medicina, administração, publicidade, economia e áreas técnicas de prestígio. (SOUZA, 2017, p. 146-148). A escolha dos participantes por esse conjunto de profissões indica uma correspondência entre suas percepções e o tipo ideal proposto por Souza. “Intelectuais e administrativas (gestores, psicólogos, advogados, arquitetos).” (Formulário 3 / Pergunta 1).

As respostas “Próximo ao tipo ideal” marcaram presença mais significativa na primeira (20,00%) e na terceira pergunta (54,84%). Essas respostas apresentaram elementos de aproximação com o tipo ideal, ao apontar profissões com carga cultural valorizada, mas também

incluíram atividades técnicas ou manuais que não se enquadram no núcleo típico das ocupações de classe média descritas pelo autor. Isso indica fissuras na centralidade do capital cultural no posicionamento social da classe média. “Minha mãe é Professora e meu pai é Caminhoneiro” (Formulário 22 – Pergunta 3).

Já as respostas “Distante do tipo ideal” foram minoria em todas as perguntas, com índices de 13,55% na primeira, 10,97% na terceira e apenas 1,29% na segunda. Essas respostas indicaram apenas profissões que não possuem centralidade no trabalho intelectual ou no capital simbólico, como atividades operacionais, de execução técnica simples ou de baixa valorização no campo profissional. Tal distanciamento reflete uma visão pouco conectada à lógica de reprodução das desigualdades por meio das ocupações e da socialização diferenciada de classe, conforme proposto por Jessé Souza. “Vendedor e Assistente social”. (Formulário 126 / Pergunta 3)

O tema revelou um grau elevado de alinhamento com o tipo ideal, especialmente nas perguntas que demandavam autorreflexão dos participantes (como as profissões com as quais se identificam). A alta incidência de respostas classificadas como “Igual ao tipo ideal” indica que os respondentes reconhecem, ainda que por vezes de forma implícita, o vínculo entre classe social e o lugar ocupado no mundo do trabalho. As classificações “Próximo ao tipo ideal” revelam aproximações conceituais que poderiam ser aprofundadas, especialmente no que se refere às profissões dos pais dos participantes, enquanto as respostas “Distante do tipo ideal” permaneceram residuais.

4.3. Análise do tema 3 – Educação básica e desenvolvimento pessoal

Este bloco investigou aspectos relacionados ao desenvolvimento básico dos participantes, com foco em relações parentais, estímulos recebidos durante a infância e oportunidades de desenvolvimento acadêmico e pessoal diferenciadas. As perguntas abordaram incentivos que recebiam durante a infância para o hábito da leitura, reforço de autoestima, resolução de situações usando lógica e planejamento do futuro, tipo de escola frequentada, oportunidades de estudar no exterior e possíveis figuras admiradas durante a infância ou adolescência por demonstrarem conhecimento sobre algo. Abaixo consta um gráfico contendo as perguntas e contagem de respostas das classificações desse bloco:

Tabela 3 – Contagem geral de classificações das respostas do tema 3 – Educação básica e desenvolvimento pessoal

Perguntas do tema <i>Educação básica e desenvolvimento pessoal</i>	Distante do tipo ideal		Próximo ao tipo ideal		Igual ao tipo ideal		Sem Classificação	
1 - Durante a sua infância você recebeu estímulos de seus pais ou responsáveis para o hábito de leitura, para a imaginação, o reforço constante de sua capacidade e autoestima?	10	6,45%	5	3,23%	140	90,32%	0	0,00%
2 - Durante a sua infância lhe era ensinado a olhar e resolver situações visando o melhor resultado possível no futuro?	17	10,97%	4	2,58%	134	86,45%	0	0,00%
3 - Durante seu crescimento você era estimulado a pensar e planejar seu futuro?	8	5,16%	9	5,81%	138	89,03%	0	0,00%
4 - Você considera que seus pais/responsáveis lhe deram atenção suficiente e o estimularam o suficiente durante seu desenvolvimento?	15	9,68%	8	5,16%	131	84,52%	1	0,65%
5 - Na maior parte da sua vida escolar, você frequentou escola pública ou particular?	10	6,45%	0	0,00%	141	90,97%	4	2,58%
6 - Você teve alguma oportunidade para estudar no exterior?	0	0,00%	63	40,65%	0	0,00%	92	59,35%
7 - Durante a sua infância e adolescência houve alguma pessoa que você admirou por demonstrar conhecimento sobre algum tema? Por exemplo, algum parente que falava outra língua, alguém que gostava de ler e transmitia esse afeto pela leitura.	26	16,77%	76	49,03%	53	34,19%	0	0,00%
Contagem e média total	86	7,93%	165	15,21%	737	67,93%	97	8,94%

Fonte: elaborado pelo próprio autor

As respostas classificadas como “Igual ao tipo ideal” foram predominantes em quase todas as perguntas do bloco. A maioria dos participantes relatou ter recebido estímulos afetivos e intelectuais desde a infância, como incentivo à leitura, planejamento do futuro e valorização do saber, além de considerarem que tiveram atenção suficiente de seus responsáveis durante o desenvolvimento. Também foi recorrente o relato de escolarização majoritária em instituições privadas. Essas respostas refletem os pilares centrais da socialização da classe média descrita por Jessé Souza: o investimento emocional e simbólico constante que estrutura a formação do capital cultural desde os primeiros anos de vida, criando bases para distinção social futura. “Sim, meus pais incentivaram a leitura desde muito cedo, reforçando minha autoestima o quanto era possível.” (Formulário 65 / Pergunta 1) E também: “Durante toda a minha vida, estudei em escolas particulares”. (Formulário 93 / Pergunta 5)

As respostas “Próximo ao tipo ideal” foram mais recorrentes em perguntas sobre oportunidades específicas, como estudar no exterior ou ter figuras de referência intelectual na infância. Os participantes relataram experiências alinhadas ao tipo ideal, ainda que com lacunas, generalizações, ou pouco aprofundamento de detalhes. Também se incluíram relatos de estímulos recebidos parcialmente, por apenas um dos pais, sugerindo práticas de socialização privilegiada menos intensas ou estruturadas. “Sim, estudei 1 mês em Boston (intercâmbio de férias)”. (Formulário 39 / Pergunta 6) E também: “Sim, meu pai e minha mãe exercendo suas respectivas profissões.”. (Formulário 70 / Pergunta 7)

As respostas “Distante do tipo ideal” foram muito reduzidas, mas presentes em todos os itens. Apareceram principalmente entre os que não receberam estímulos afetivos ou cognitivos

significativos, frequentaram escolas públicas ou não possuíam figuras de referência ligadas ao saber. Essas respostas destoam do modelo de Jessé, revelando trajetórias menos marcadas pela reprodução privilegiada. “Não, sinto que trabalhavam muito durante minha fase de crescimento.” (Formulário 64 / Pergunta 4)

Esse tema revelou que a maioria dos participantes compartilha práticas familiares e educacionais alinhadas ao tipo ideal. Desde cedo, foram estimulados a desenvolver habilidades valorizadas socialmente, com forte investimento emocional e simbólico da família. A predominância de classificações “Igual ao tipo ideal” indica que tais práticas são traços estruturantes de suas trajetórias. Respostas “Próximo” ou “Distante” indicam exceções, mas não alteram o padrão dominante de reprodução privilegiada.

4.4. Análise do tema 4 – Educação política e social

Este bloco investigou as percepções dos participantes sobre temas políticos e sociais, como o papel das instituições, ideologias dominantes e estruturas de dominação. As perguntas abordaram universidades públicas, polícia, desigualdades, corrupção e meritocracia. Abaixo consta um gráfico contendo as perguntas e contagem de respostas das classificações desse bloco:

Tabela 4 – Contagem geral de classificações das respostas do tema 4 – Educação política e social

Perguntas do tema <i>Educação política e social</i>	Distante do tipo ideal		Próximo ao tipo ideal		Igual ao tipo ideal		Sem Classificação	
1 - Para quem são destinados às Universidades Públicas e quem são a maioria dos estudantes que ocupam elas hoje?	30	19,35%	98	63,23%	11	7,10%	16	10,32%
2 - Para você, quais são as ideologias dominantes da sociedade no momento? Quem são as responsáveis por elas?	0	0,00%	56	36,13%	3	1,94%	96	61,94%
3 - Para você, qual a função da polícia? Como e para quem ela opera na sociedade?	78	50,32%	40	25,81%	16	10,32%	21	13,55%
4 - Você acha que a falta de preparo emocional e de oportunidades para um aprendizado escolar efetivo leva a uma desvalorização de pessoas que passaram por isso na sociedade?	22	14,19%	0	0,00%	122	78,71%	11	7,10%
5 - <i>*Se sim na pergunta anterior*</i> Isso chega ao ponto de poder levar a uma indiferença da opinião pública em casos de tragédias para com elas, como chacinas e massacres?	13	8,39%	6	3,87%	96	61,94%	40	25,81%
6 - Na sua opinião, por que existe e quem são os culpados pela corrupção dentro da política brasileira?	117	75,48%	17	10,97%	6	3,87%	15	9,68%
7 - O que você pensa sobre a meritocracia? Pode mencionar se durante sua trajetória escolar e acadêmica superior você teve méritos próprios?	65	41,94%	41	26,45%	29	18,71%	20	12,90%
Contagem e média total	325	29,95%	258	23,78%	283	26,08%	219	20,18%

Fonte: elaborado pelo próprio autor

As respostas classificadas como “Igual ao tipo ideal” tiveram destaque nas perguntas sobre os efeitos da exclusão educacional e a percepção da indiferença social frente ao sofrimento das camadas mais pobres. Na quarta pergunta (se a falta de preparo emocional e educacional leva à desvalorização social), 78,71% dos respondentes afirmaram que sim,

alinhando-se à crítica de Jessé Souza sobre como a estrutura social estigmatiza os menos escolarizados. Na pergunta seguinte, 61,94% também afirmaram que essa desvalorização pode gerar indiferença pública frente a tragédias (como massacres), postura idêntica à ideia de Jessé de que o preconceito de classe leva à banalização e até legitima a violência contra os setores populares. “Sim, quando uma pessoa não tem acesso a uma educação de qualidade ou enfrenta dificuldades emocionais e psicológicas sem o apoio adequado, isso pode prejudicar seu desenvolvimento pessoal e social, impactando diretamente suas chances de alcançar sucesso e ser valorizada em termos profissionais, econômicos e sociais.” (Formulário 92 – Pergunta 4)

As respostas “Próximo ao tipo ideal” estiveram presentes em diferentes pontos do bloco e revelam um nível intermediário de consciência crítica. Muitos participantes demonstraram reconhecer desigualdades no acesso ao ensino superior, especialmente nas universidades públicas, e expressaram desconfiança parcial em relação ao discurso meritocrático. Também foi comum a percepção de que a polícia atua de forma desigual, mesmo que sem a elaboração teórica mais profunda que Jessé propõe. Em alguns casos, houve menção a ideologias dominantes similares às apontadas por Jessé, ainda que de forma dispersa ou superficial. “Originalmente creio que eram destinadas a quem não podia arcar com uma particular; ironicamente, a maioria dos estudantes que ocupam universidades públicas hoje são de classe média/alta”. (Formulário 1 / Pergunta 1) E também: “Eu acredito sim que existe chegar nos lugares com os próprios méritos. Mas que essa diferenciação deveria ser usada na hora de comparar realidades similares, e não distantes.” (Formulário 45 / Pergunta 7)

As respostas “Distante do tipo ideal” concentraram-se em temas fortemente ideologizados, como polícia, corrupção e meritocracia. Muitos participantes responderam de forma genérica que a função da polícia é meramente “proteger e servir”, distanciando-se da perspectiva de Souza, que aponta para um papel sistêmico da instituição policial na repressão e intimidação das classes mais pobres, contribuindo para a manutenção do poder das elites. Ademais, também reforçaram narrativas moralistas ou individualistas – por exemplo, culpando exclusivamente políticos pela corrupção ou defendendo que o esforço individual garante sucesso. Tais posicionamentos reproduzem a lógica de naturalização das desigualdades que Jessé procura desvelar. “Pela ganancia (sic) e os próprios políticos”. (Formulário 67 / Pergunta 6) E também: “Ela existe e é o meio mais justo de se tratar a sociedade. Tive méritos ao passar no vestibular, ao conseguir vaga na minha IC com uma boa proposta de projeto, ao me tornar representante, ao participar de projetos teatrais escolares como personagens principais, ao ser oradora da minha formatura, e em outros momentos.” (Formulário 150 / Pergunta 7)

O tema “Educação política e social” apresentou um cenário fragmentado e contrastante. As respostas “Igual ao tipo ideal” mostraram forte adesão à crítica estrutural do autor, especialmente sobre a exclusão educacional e a indiferença diante do sofrimento das classes populares. As respostas “Próximo ao tipo ideal” indicaram aproximações relevantes, como o reconhecimento das desigualdades no acesso ao ensino superior e a problematização parcial de ideologias como a meritocracia. Já as respostas “Distante do tipo ideal” concentraram-se em temas fortemente ideologizados, como o papel da polícia, a corrupção e a meritocracia, revelando adesão a discursos mais hegemônicos e resistência a análises críticas.

4.5. Análise do tema 5 – Estilo de vida e hábitos pessoais

O último bloco do questionário investigou os hábitos cotidianos e percepções dos participantes sobre posição social, consumo, tempo livre e desejo de distinção. As perguntas abordaram: se consideram sua condição de classe média um privilégio; experiências com empregados domésticos e uso do tempo poupado; desejos em relação a bens ou práticas das classes alta e baixa; hobbies; marcas que consomem com frequência e os motivos dessas escolhas. Abaixo consta um gráfico contendo as perguntas e contagem de respostas das classificações desse bloco:

Tabela 5 – Contagem geral de classificações das respostas do tema 5 – Estilo de vida e hábitos pessoais

Perguntas do tema <i>Estilo de vida e hábitos pessoais</i>	Distante do tipo ideal		Próximo ao tipo ideal		Igual ao tipo ideal		Sem Classificação	
1 - Você acredita que sua posição socioeconômica está relacionada a algum tipo de privilégio? Como você vê essa posição em comparação com outras pessoas ao seu redor?	112	72,26%	9	5,81%	31	20,00%	3	1,94%
2 - Você possui (ou já possuiu) um(a) trabalhador(a) doméstico(a) realizando tarefas caseiras em sua residência? Pode descrever como é a sua relação com essa pessoa?	41	26,45%	46	29,68%	68	43,87%	0	0,00%
3 - *Caso tenha tido um trabalhador doméstico em sua residência* O que você fazia ou faz com o tempo que lhe era/poupado para essas atividades domésticas?	10	6,45%	17	10,97%	69	44,52%	59	38,06%
4 - Caso tivesse interesse, se você pudesse usufruir de algo da classe alta (pessoas ricas), o que seria?	9	5,81%	4	2,58%	133	85,81%	9	5,81%
5 - Caso tivesse interesse, se você pudesse usufruir de algo das classes baixas (pessoas pobres), o que seria?	58	37,42%	26	16,77%	64	41,29%	7	4,52%
6 - Poderia citar alguns hobbies - atividades que gosta de fazer que lhe geram prazer?	0	0,00%	112	72,26%	39	25,16%	4	2,58%
7 - Quais das seguintes marcas de utensílios ou produtos você utiliza em seu cotidiano (Ao menos, três vezes por semana)	5	3,23%	3	1,94%	147	94,84%	0	0,00%
8 - Por que você utiliza/consome essas marcas? O que elas representam para você?	9	5,81%	110	70,97%	33	21,29%	3	1,94%
Contagem e média total	244	19,68%	327	26,37%	584	47,10%	85	6,85%

Fonte: elaborado pelo próprio autor

As respostas classificadas como “Igual ao tipo ideal” predominaram em questões que tratam do consumo simbólico e da busca por distinção social, reforçando o diagnóstico de Jessé Souza sobre a classe média aspirar aos padrões da elite. Destacam-se as perguntas sobre o uso de marcas de prestígio (94,84%) e sobre o que os participantes gostariam de usufruir da classe

alta (85,81%), ambas revelando um imaginário fortemente pautado por herança, luxo e ostentação. Também foi significativa a valorização do tempo poupado com atividades domésticas para fins de investimento pessoal (44,52%), prática que, segundo Jessé, evidencia o uso de privilégios para reforço de capital cultural e status simbólico. “Adidas, Apple, Boss, Calvin Klein, Gucci, Hering, Lacoste, Nike, Polo Wear, Vans, Zara”. (Formulário 9 / Pergunta 7) E também: “Ter uma casa bem grande e segura, com faxineira e cozinheira todos os dias. Também ter uma casa no interior, com um cavalo, para ir aos finais de semana. E ter um carro blindado.” (Formulário 39 / Pergunta 4)

As respostas “Próximo ao tipo ideal” concentraram-se em temas subjetivos, como hobbies e motivações de consumo. Participantes citaram atividades de lazer recreativo e justificaram o uso de marcas com base em gosto pessoal, conforto ou qualidade, sem mencionar sua função simbólica de distinção. Essa postura revela um alinhamento parcial ao tipo ideal: embora haja práticas que reproduzam valores da classe média, falta consciência crítica sobre o papel ideológico de tais escolhas. “Eu utilizo essas marcas porque prezo pela qualidade das roupas. Para mim, elas representam isso: qualidade, que garante durabilidade e conforto.” (Formulário 69 / Pergunta 8) E também: “Gosto de ler, de bordar, aquarela, academia, jiu jitsu, cuidar do meu pet e plantas, netflix e sair pra comer fora”. (Formulário 39 / Pergunta 6)

As respostas “Distante do tipo ideal” apareceram com destaque em perguntas sobre reconhecimento de privilégios (72,26%) e valorização de aspectos reais das classes populares, como laços comunitários ou solidariedade (37,42%). Esses dados indicam que, apesar da adesão simbólica aos padrões de elite, há fissuras importantes no comportamento da classe média universitária, que também expressa empatia e consciência de desigualdades sociais em alguns contextos. “Tenho uma série de privilégios por ser branca de classe média, não sou marginalizada e nem excluída dos ambientes que frequento.” (Formulário 5 / Pergunta 1) E também: “Das classes mais baixas, admiraria e aprenderia com o senso de coletividade, a resiliência diante das dificuldades e a criatividade para encontrar soluções mesmo com poucos recursos. Essas são qualidades que muitas vezes se perdem em contextos mais privilegiados.” (Formulário 35 / Pergunta 5)

O tema “Estilo de vida e hábitos pessoais” evidenciou a complexidade da classe média universitária analisada. A maioria das respostas “Igual ao tipo ideal” surgiu nas questões sobre consumo simbólico e distinção social, revelando a busca por prestígio via marcas e estilos de vida associados à elite. As respostas “Próximo ao tipo ideal” apareceram em temas subjetivos, como hobbies e justificativas de consumo, indicando adesão parcial, mas sem reflexão crítica.

Já as respostas “Distante do tipo ideal” foram mais comuns entre os que reconhecem privilégios ou valorizam práticas populares. Os dados apontam para coexistência entre reprodução e contestação dos padrões simbólicos da classe média.

4.6. Síntese dos temas

A análise das respostas ao formulário revela um panorama complexo, mas significativamente revelador sobre a forma como estudantes universitários de classe média em São Paulo constroem sua visão de mundo, especialmente em relação a seu pertencimento social, valores, hábitos e representações sobre a sociedade. A comparação com o tipo ideal da classe média formulado por Jessé Souza permitiu identificar padrões discursivos que ora confirmam, ora contestam ou tensionam os traços atribuídos pelo autor a esse grupo social.

No primeiro tema, observou-se um contraste marcante: enquanto as perguntas iniciais revelaram concepções simplificadas sobre classe social e distanciamento do pensamento de Jessé, as perguntas finais apontaram maior consciência crítica ao tratar de vivências pessoais, como percepção de desigualdade e influência da mídia. Esse deslocamento sugere que a autorreflexão provoca maior sensibilidade estrutural nos participantes.

O segundo tema, que abordou profissões e trabalho, predominou a aderência ao tipo ideal. Os participantes associaram a classe média às ocupações intelectuais e de prestígio, tanto nas profissões com as quais se identificam quanto naquelas exercidas por seus responsáveis. A recorrência de respostas alinhadas indica que os participantes reconhecem, ainda que implicitamente, o papel central do trabalho simbólico na configuração da classe média.

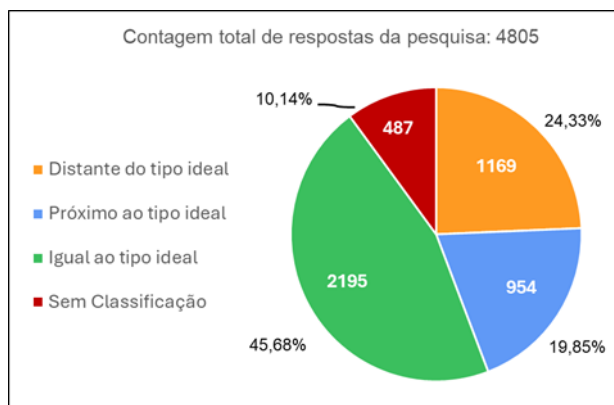
Já o terceiro tema, voltado ao desenvolvimento pessoal e educação básica, apresentou o maior grau de homogeneidade. A ampla maioria dos participantes relatou estímulos familiares, acesso a escolas particulares e práticas formadoras do capital cultural, reiterando os mecanismos de reprodução social internalizados desde a infância descritos por Jessé.

O quarto tema revelou maior dispersão. Houve forte adesão à crítica estrutural em perguntas sobre exclusão educacional e indiferença social, mas predominaram visões moralizantes e individualistas em questões como corrupção, polícia e meritocracia. Isso mostra que os limites da crítica psicopolítica permanecem parcialmente internalizados.

Por fim, o quinto tema evidenciou o peso da distinção simbólica e do consumo de prestígio, mas também expôs contradições. Embora práticas associadas à elite estejam fortemente presentes, uma parte dos participantes demonstrou empatia pelas camadas populares e reconhecimento de seus próprios privilégios.

Abaixo constam gráficos contendo as contagens gerais de classificações por alguns tópicos:

Gráfico 1 – Contagem total das classificações de respostas da pesquisa



Fonte: elaborado pelo próprio autor

Tabela 6 – Contagem total das classificações por tema de perguntas

Eixo dos blocos	Qtd. de respostas por bloco	Distante do tipo ideal		Próximo ao tipo ideal		Igual ao tipo ideal		Sem Classificação	
		Qtd. de respostas	Porcentagem	Qtd. de respostas	Porcentagem	Qtd. de respostas	Porcentagem	Qtd. de respostas	Porcentagem
1º: Classes sociais	930	474	50,97%	83	8,92%	322	34,62%	51	5,48%
2º: Trabalho e profissões	465	40	8,60%	121	26,02%	269	57,85%	35	7,53%
3º: Ed. Básica e Des. Pessoal	1085	86	7,93%	165	15,21%	737	67,93%	97	8,94%
4º: Ed. Política e Social	1085	325	29,95%	258	23,78%	283	26,08%	219	20,18%
5º: Estilo de vida e hábitos	1240	244	19,68%	327	26,37%	584	47,10%	85	6,85%

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Tabela 7 – Contagem total das classificações divididas e proporcionalizadas por curso

Cursos	Qtd. de formulário	Qtd. de respostas por curso	Distante do tipo ideal		Próximo ao tipo ideal		Igual ao tipo ideal		Sem Classificação	
			Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem
Administração	41	1271	314	24,70%	251	19,75%	560	44,06%	146	11,49%
Arquitetura e Urbanismo	8	248	59	23,79%	46	18,55%	129	52,02%	14	5,65%
Ciência da Computação	2	62	18	29,03%	12	19,35%	28	45,16%	4	6,45%
Comércio Exterior	1	31	7	22,58%	10	32,26%	14	45,16%	0	0,00%
Direito	69	2139	517	24,17%	425	19,87%	974	45,54%	223	10,43%
Economia	1	31	9	29,03%	7	22,58%	10	32,26%	5	16,13%
Engenharia da computação	1	31	6	19,35%	7	22,58%	14	45,16%	4	12,90%
Jornalismo	8	248	71	28,63%	49	19,76%	94	37,90%	34	13,71%
Psicologia	23	713	162	22,72%	138	19,35%	362	50,77%	51	7,15%
Publicidade	1	31	6	19,35%	9	29,03%	10	32,26%	6	19,35%
Valores totais	155	4805								

Fonte: elaborado pelo próprio autor

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral compreender, em termos psicopolíticos, as representações, práticas e valores de estudantes universitários que se identificam como pertencentes à classe média em São Paulo, à luz da teoria de classes de Jessé Souza. Através da construção de um tipo ideal fundamentado em suas obras e da elaboração de um questionário dissertativo dividido em cinco eixos temáticos, buscou-se identificar o grau de correspondência entre o comportamento dos participantes e o modelo teórico proposto.

Os resultados revelaram que, embora haja forte reprodução simbólica de elementos característicos da classe média – como o consumo de prestígio, a valorização do capital cultural e a adesão a estilos de vida voltados à distinção social – também emergem fissuras, ambiguidades e distanciamentos do tipo ideal elaborado desse grupo. Em certos temas, como desenvolvimento pessoal e mundo do trabalho, houve ampla correspondência com o tipo ideal de Jessé. Já em temas como educação política e social, observou-se maior dispersão, com coexistência de respostas críticas e visões moralizantes, revelando os limites da consciência estrutural entre os entrevistados.

O estudo contribui para ampliar o debate sobre a classe média brasileira, evidenciando que, mesmo entre jovens universitários, a reprodução das desigualdades simbólicas permanece arraigada. Ao mesmo tempo, abre caminhos para investigações mais amplas e profundas, que

possam explorar outros recortes institucionais, regionais ou intergeracionais, e assim enriquecer o campo da psicologia política e da sociologia crítica no Brasil contemporâneo.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristiane Roque; FARIA, Luiz Antonio. Poder e dominação em Chegou o Governador. Aparecida de Goiânia: Faculdade Alfredo Nasser, 2016, p. 21 – 23. Disponível em:

<<https://servicosonlineaparecida.unifan.edu.br/files/docBiblioteca/ebooks/%C2%B0%C2%B0656268802.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. Ranking Universitário Folha (RUF) 2024. 2024. Disponível em: <<https://ruf.folha.uol.com.br/2024/lista-universidades-instituicoes/>>. Acesso em: 6 jul. 2025.

FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. Tradução de Luís Claudio de Castro e Costa; revisão de Paulo Guimarães de Couto – 5. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 47 – 55.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; DA SILVA, Edinaldo Enoque. O tipo ideal weberiano: presença e representação em obras de Zygmunt Bauman. Revista Espaço Acadêmico, v. 18, n. 210, p. 140-150, 2018.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato - Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. A classe média no espelho. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.